

Comunicação Científica & Lentes do Cotidiano

Crônica 1– janeiro, 2015

PERDAS E DANOS

Ierecê Barbosa¹

Nosso cotidiano está repleto de pessoas enfermas. Não são portadores de doenças tangíveis, visíveis aos olhos, com sintomas aparentes, que as debilitam fisicamente. São doentes da alma. As causas estão quase sempre nas perdas e nos danos que elas nos causam. Houve uma época em que eu gostava de investigar a perda, depois desisti. A perda como campo de investigação é aflitiva. O pesquisador se depara com situações dolorosas e sofre junto com os sujeitos da pesquisa.

As perdas são diversificadas: separação, desemprego, parentes que falecem, amizades que se rompem, filhos que casam, gerando a síndrome do ninho vazio, etc. Quando elas ocorrem em dupla, ou em conjunto, nossas estruturas psicológicas tendem a ruir e os danos podem ser enormes, com desdobramentos. Afinal, desgraça pouca é bobagem.

Conversando com um amigo, ele me perguntou sobre a possibilidade de falar com a sua esposa. Relatou que ela andava chorando pelos cantos da casa e que ele não sabia mais o que fazer. Combinei a hora e local e eis que ele aparece com uma senhora que poderia ser sua avó. Ia perguntar pela esposa, mas segurei a língua. Graças a Deus!

A esposa contou que seu desequilíbrio emocional começou quando completou 78 anos e lhe bateu um sentimento de perda muito grande, agravando-se com a morte de uma vizinha bem mais nova. Passou então a sentir saudades antecipadas de seu grande amor. Importante registrar que meu colega é um homem charmoso, de 46 anos. Justificável a reação dela, se olharmos por esse lado. Entretanto, a coisa é mais complicada.

Procurei extrair, na conversa, outros dados e descobri que ela não era rica e sim dependente dele financeiramente. Bem, descartei o golpe do baú. Depois, fiquei sabendo que ela sempre sonhou em ser mãe e que nunca teve filhos, mas passou por três abortos espontâneos em seu primeiro relacionamento. Percebi que estava diante de um caso de perdas não superadas e que a aflição causal foi substituída por um ganho secundário ao se relacionar com um homem bem mais jovem. Minhas suspeitas foram confirmadas quando ela se referiu a ele como “filhinho”. Aí arrisquei um palpite e falei: Nesse caso você é a “mãezinha”? Sim, ele me trata assim. Aí fiquei com duas alternativas. A primeira, tentar desfazer certas distorções cognitivas que estavam gerando a sua angustia existencial. A segunda, trabalhar a relação edipiana identificada naquele relacionamento.

Conversei com ele e soube que ele perdeu a mãe quando criança. Alguns teóricos ao se referirem a perda da mãe acreditam que a criança pequena supera rapidamente o sofrimento. Sabemos que não é verdade, o pesar na infância tem vida longa. O desejo do retorno da mãe perdura, na maioria das vezes, a vida toda. Meu colega além de não se relacionar com moças jovens, apresenta um perfil quieto, introvertido, reflexivo, meio tristonho, revelando a lacuna

¹ Doutora em Educação, Jornalista, Psicanalista Clínica e Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação e Ensino de Ciências na Amazônia – PPGEEC/ ENS/ UEA. Email: ierecebarbosa@yahoo.com.br

Comunicação Científica & Lentes do Cotidiano

Crônica 1– janeiro, 2015

deixada por sua mãe e que ele tenta preencher ao se relacionar com alguém que, inconscientemente, passa a ser a sua mãe simbólica. Os dois apresentam identificação com suas perdas passadas, mas que se fazem presentes.

Bem, resolvi afunilar a conversa sobre a angústia existencial, caracterizada pelo medo da morte. Ela entendeu que a morte faz parte da vida e que se morre: antes de nascer, bebê, menino, adolescente, adulto, a qualquer hora, e, inclusive ele poderia morrer primeiro que ela. Com mais duas conversas – Psicoterapia Breve – ela ficou beleza.

E o Édipo? Bem, esse eu deixei para lá, pois há muita química entre eles. A cura da relação edipidiana acabaria com aquele amor. Considerei que cada casal constrói seus ideais de felicidade do jeito que quer. Se ela falecer primeiro, ele vai procurar outra idosa para se relacionar, pois em nenhuma idade os seres humanos deixam de ser vulneráveis aos seus traumas de infância. Além do mais, o que é um Édipo básico mediante tantas perdas e danos sofridos por todos nós nos últimos tempos?